

Norte

Colônias orientais

ZOROAI

ETÊNIA

VELANÇA

QUIRILÃ

WHITE ROARING

Borrifo do Mar

JIVANTE GAR

ARAUIA

CEILÃ

MORUBIA

MORTUI VIVOS DOCENT

ESQUADRA DA GUARDA CORNUDA

GABINETE DE OBRAS PÚBLICAS

CASA DE MATTEO

BORRIFO DO MAR

STOKER LANE

ARMAZÉM DE FLICK

CEMITÉRIO

CASA DE CHÁ EDEN

DOCAS

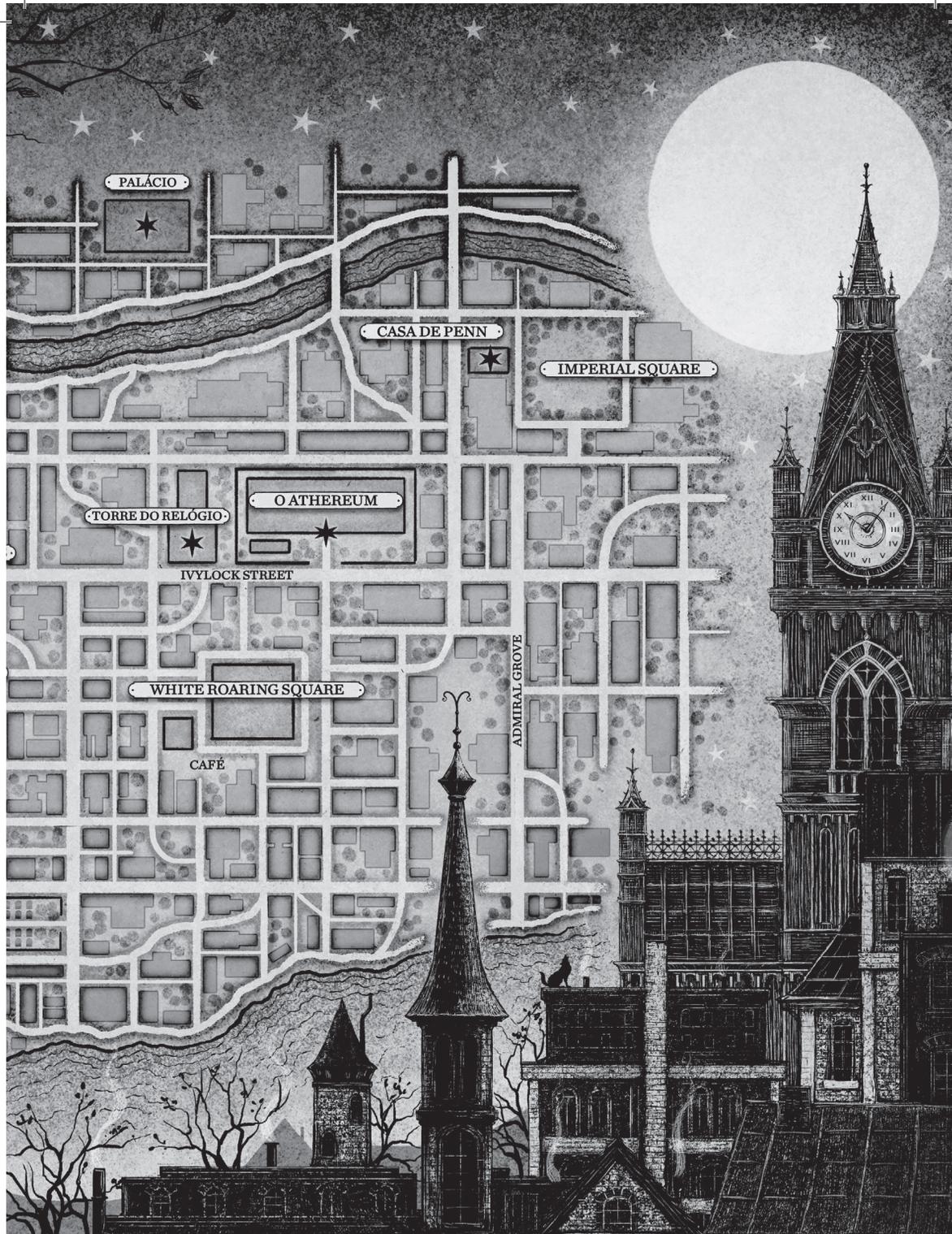
BORRIFO DO MAR

SHELBY DRIVE

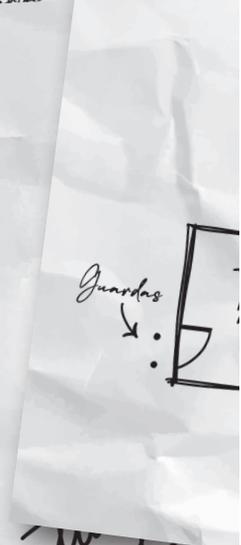
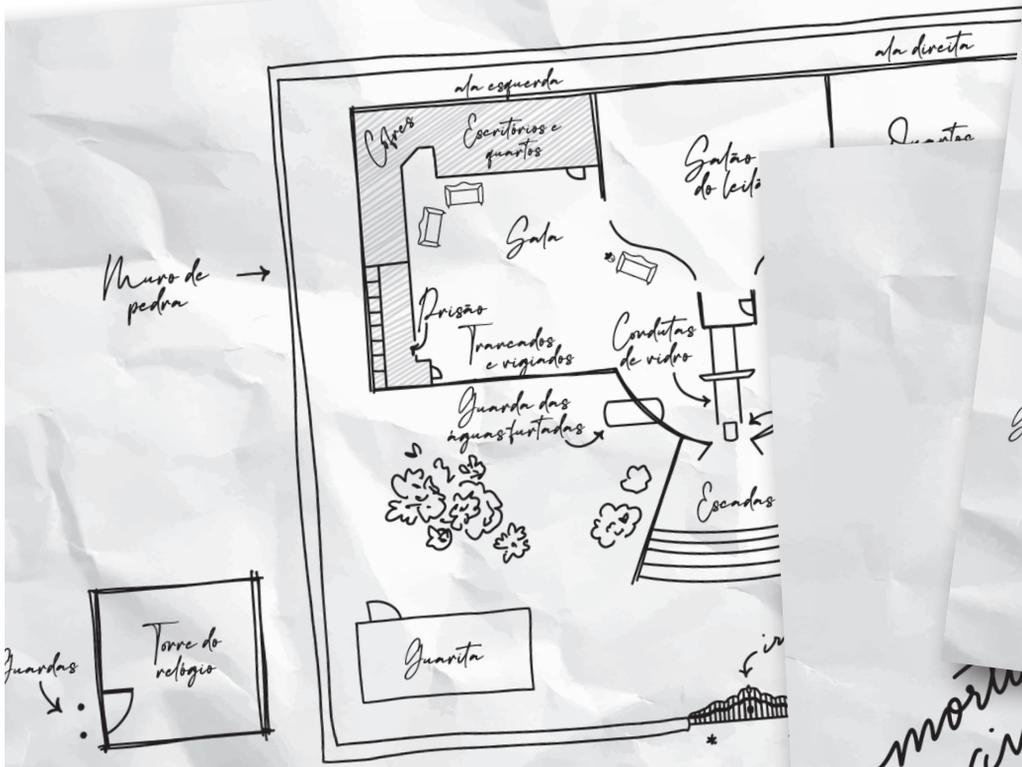
LIVERY

KUSSY AVENUE

ALMS PLACE



WHITE ROARING



morru
vivos
docent

esta metida num...
não... deliciosamente

Marcador do
Athenicum

Código
numérico no
interior





ATO I

**A VINGANÇA
NÃO TEM FIM**



A Arthie não me deixou acabar de acrescentar as rosas

- Lista de nomes*
- Edward Prior
 - Ganjay Bhatt
 - Oliver Tan
 - Daisy Vincent
 - Clayton Lambard
 - Ronnie Humphries
 - Grace Faulk



1

ARTHIE

À noite, as ruas de White Roaring ganhavam presas. Quando a lua arrastava as garras e as montras das lojas se apagavam, aqueles que estavam sedentos de sangue percorriam-nas, temerários. Arthie Casimir não se importava. Nem com o frio, nem com a escuridão, nem com os vampiros.

O negócio nunca parava.

Já passava muito da meia-noite e as fundições estavam em silêncio. As chispas que alumiam o início da noite estavam reduzidas a brasas cada vez mais frias e os aventais sujos tinham sido atirados para o lado antes de os trabalhadores se dirigirem com o passo incerto para os respetivos casebres. Cafés, talhos e casas de apostas dormiam em preparação para a aurora e a capital mantinha-se viva graças ao pecado e a um salão de chá escondido na interseção dos bairros de lata com as ruas da abastança.

Borrifo do Mar era o seu nome.

A menina dos olhos de Arthie, com os chãos reluzentes de madeira e o aroma de chá acabado de fazer a encher uma chaleira borbulhante, bem como as arcas do pessoal. O pretensiosismo dos clientes era compensado pelos segredos que deixavam escapar à frente de uma equipa de órfãos que, *com toda a certeza*, não compreenderiam a língua refinada dos ricos.

Ela preferia estar lá a estar onde estava, a sentir o frio do fim de outono.

— Eu podia ir sozinho — disse Jin, a abrandar o passo para acompanhar o dela. O cabelo caía-lhe reto e liso como uma faca e tinha na mão um guarda-chuva tão elegante e aprumado como ele, todo membros esguios e ombros largos, a caminhar com passo empertigado nas ruas salpicadas por lampiões a gás.

— Para eu ir à tua procura ao amanhecer e encontrar-te a tagarelar com ele? — Archie não tinha por hábito visitar os clientes que acumulavam contas por pagar no salão de chá, mas aquele tinha fechado a porta a demasiados elementos da sua equipa.

— Com o Matteo Andoni? — perguntou ele, como se a ideia fosse absurda. — A sério, Arthie.

Jin tinha aquele tipo de charme que levaria um rei a puxar-lhe a cadeira se ele lhe lançasse o sorriso certo... e sabia-o, pelo que Arthie nem se deu ao trabalho de lhe responder. Atravessaram a rua e chegaram à Alms Place, um lugar mais calmo, onde não se via terra em parte nenhuma e onde as casas eram elegantes e tinham fachadas de tijolinho.

Uma carruagem passou vagorosamente pelos homens fardados que vigiavam o cimo da rua, com os cavalos a bufar às ordens do cocheiro. White Roaring, a capital de Eténia, raramente dormia, e com os recentes desaparecimentos de vampiros, os sussurros mantinham a cidade ainda mais acordada; não porque as pessoas se importassem com o bem-estar dos vampiros, mas porque, se lhes acontecesse algo iníquo *a eles*, o que seria dos humanos, que eram mais fracos?

Por mais inquietantes que os desaparecimentos fossem, Arthie embirrava ainda mais com o aumento de efetivos da Guarda Cornuda do Carneiro. Estavam em todo o lado, sempre de vigia. Não era justo que o Carneiro mascarado visse tanto quando o povo de Eténia não podia sequer ver o rosto do monarca que os governava.

Arthie enfiou um papel dobrado no colete e deteve-se à frente de uma vedação preta imponente.

— Chegámos. Alms Place número 337.

Jin assobiou ao olhar para a mansão atrás de um relvado cuidado.

— Ora, é a isto que chamamos dinheiro a sério.

A propriedade atraía as atenções, dos floreados ao longo das janelas ao vermelho ardente da porta da frente. Fazia sentido. Os homens exaltavam o nome de Matteo Andoni nas ruas e as mulheres sussurravam-no de encontro aos lençóis, embora muito raramente com ele deitado entre eles.

— Não, é a isto que chamamos um exagero. Mantém os olhos bem abertos. — Arthie não queria saber se Matteo Andoni era o pintor adorado pelo país. Quem não podia pagar não deveria beber.

Atravessaram o portão e subiram as escadas largas. Arthie bateu à porta com a aldraba de ferro e Jin recostou-se na parede do alpendre com os dedos moles a segurar o guarda-chuva preto.

A porta abriu-se e revelou um homem magro com um escalpe mal coberto; o cabelo que poderá ter tido na cabeça no passado tinha-se deslocado para o denso bigode que se lhe enrolava em cima do lábio.

— Sim?

Arthie enfiou as mãos nos bolsos das calças e a pistola no coldre reluziu sob a luz. Preferia não ter de a utilizar, mas era um artigo único e era tão certo como o sangue que não a iria manter escondida.

— Viemos fazer uma visitinha.

— Perdoe-nos pela hora — acrescentou Jin com um sorriso leve.

O mordomo olhou do cabelo cor de malva e pele castanha de Ceilã de Arthie para os olhos com pálpebras lisas de Jin antes de se voltar de novo para Arthie, baixando os olhos do cabelo curto para as lapelas do casaco aberto e, depois, para a corrente que conduzia ao relógio que ela guardava no colete.

Olha à vontade, paspalho. O homem não veria neles nenhum vestígio do bairro de lata. Arthie podia ter uma equipa saída do pior de White Roaring, mas compensava em dignidade o que lhe faltava em estatuto, muito obrigada.

— Armas? — perguntou o mordomo com a palma da mão estendida.

— Não, obrigada. — Arthie sorriu. — Já tenho uma.

— O que nós queríamos era uma chaleira no fogão — interveio Jin.
— O frio aperta enquanto estamos aqui à porta.

O mordomo fez um ar agastado. Jin bateu com o guarda-chuva no chão e entrou antes de ser convidado, tendo a sua compleição preenchido o corredor estreito.

— Muito agradecido, meu caro senhor. Anda comigo, Arthie.

Ela tirou a boina e seguiu Jin para a sala de visitas com paredes brocadas e estantes umbrosas. A maior parte dos candeeiros emanava uma luz baixa, de forma que a mesa de centro brilhava com o mesmo tom de carmesim do tapete.

— Vocês... — O mordomo pôs-se nervoso. — Vocês não podem...

— Não há problema, Ivor — disse alguém com uma voz suave.

Ouviu-se um fósforo a acender-se e uma luz bruxuleante iluminou um homem recostado num canapé com um braço atirado para trás e mangas arregaçadas até aos antebraços. Tinha a fralda da camisa de fora e a gola aberta. Os folhos pareciam pétalas a beijar-lhe a pele e os fios soltos formavam um V creme até ao umbigo. Era muito mais pele do que Arthie estava habituada a ver em membros da alta sociedade.

Jin tossiu, atirando uma palavra pelo meio.

— *Baba.*

Arthie não estava a babar-se.

— Matteo Andoni — disse Arthie, a ignorar Jin.

Matteo tinha os traços aristocráticos e delicados característicos de Velança, o país vizinho, o que significava que era tão imigrante como ela e como Jin, mas sem as dificuldades que eles tiveram de enfrentar.

— Arthie Casimir. — Matteo emulou-lhe a fala arrastada. Anéis de ónix e bronze reluziam-lhe nos dedos. Tinha o cabelo preto e comprido em cuidadoso desalinho. — O Ivor e eu temos andado a fazer apostas. Ele estava convencido de que irias aparecer há 20 duvins. Quantos elementos da equipa da Casimir me vieram bater à porta, Ivor? Três?

— Seis, senhor.

Matteo acenou com a mão.

— Nunca fui muito dado a números.

Se o dom de Matteo para as artes não fosse evidente nas leves manchas de cor dos dedos e nas palavras de todos os idiotas que o exaltavam nas ruas, sê-lo-ia de forma avassaladora na forma como ele observava o que o rodeava. Tinha uma ganância no olhar, parecia recear perder o mundo se cedesse a um piscar de olhos.

— Escusado será dizer que o Ivor perdeu. — O sorriso de Matteo marcou-lhe uma covinha na face, e Arthie ficou irritada por ter reparado.

— E agora podes usar esses teus proventos para pagares o que deves — disse Jin.

Arthie assentiu com a cabeça.

— Cada um dos 224 duvins.

— Pesado — apontou Matteo e a breve pausa que fez disse a Arthie que aquele era o momento da verdade, de uma resposta. — Sabes, há muito tempo que me venho perguntando se nós, que vamos beber chá ao teu salão, poderemos sentir o sabor do sangue que vocês servem naquelas mesmas chávenas.

E ali estava ela.

Desde que soubera o nome do cliente que estava a deixar contas por pagar, Arthie sabia que havia algo que não batia certo. Não lhe faltava dinheiro. Nada disso. Armara uma armadilha e ela fora ver porquê, também ela munida de alguma informação.

— Também não bebes assim tanto chá no Borrifo do Mar — disse ela, sem desviar os olhos dos de Matteo e a deixar claro o que podia ser subentendido.

— Vá lá, Arthie — ripostou ele numa voz arrastada e a olhar para ela de forma um pouco mais intensa e um pouco mais séria. — Só te queria conhecer.

— Olha para ti a deixar os homens pelo beicinho — arrulhou-lhe Jin antes de estalar os dedos para Matteo e estender a mão. — O nosso dinheiro, se não te importas.

Jin fechou os dedos com mais força no guarda-chuva quando Matteo se inclinou para a frente, mas apenas para pegar numa bolsa que estava ao seu lado. O homem já tinha o dinheiro preparado.

Atirou-o para Jin e franziu a testa quando ele o enfiou no bolso.

— Não o vais contar?

— Não. E se eu tiver de voltar aqui, vais arrepender-te — disse Arthie. — Não és tão intocável como julgas.

Matteo recostou-se no canapé. Os olhos cor de esmeralda perderam expressão, eram uma floresta na escuridão.

— Todos temos os nossos segredos, senão o mundo acabaria. Não é assim, querida?

O candeeiro tremeluziu na mesa e a luz refletiu-se nos armários de vidro atrás dele.

Todos os aristocratas tinham a sua quota-parte de segredos obscuros: de casos amorosos e extorsões a negócios repugnantes que construíram a escada que permitiu que a alta sociedade subisse tão alto. Nesse aspeto, Matteo Andoni *era* quase intocável... *quase*.

— Sabe-lo melhor do que qualquer um de nós, uma vez que deixas notas em caixas de correio oficiais, sussurras assuntos privados aos ouvidos de senhoras puritanas — continuou Matteo. — Promoves o caos.

— A vingança — corrigiu Arthie. — O caos não me interessa. — Não diretamente. E também não hesitava em deixar as suas intenções claras.

— Semântica — respondeu ele a encolher os ombros.

Arthie conteve a irritação.

Matteo aproveitou a oportunidade para continuar.

— E o que tens para oferecer? Os vampiros não terão dificuldades em encontrar servos nas ruas, sobretudo quando não há nada como a euforia de se ser perfurado por uma das suas presas. Decidiste pegar em algo que está disponível livremente e fazer algum lucro com isso. Roubo no seu melhor.

— Inovação — voltou a corrigi-lo Arthie, com os ossos em pedra. Antes do Borrifô do Mar, antes da pistola, Arthie não era nada. Uma órfã na rua, a palmar umas carteiras e a surripiar mantas com a língua entaramelada, mãos foças e olhos tão redondos e famintos como a lua. — Ou será pecado quando sou eu que o faço e um feito digno de aplausos quando são os que têm poder? Quando se trata daquela empresa comercial miserável a sugar os recursos do oriente?

Matteo pestanejou.

— Talvez não tenhas percebido, mas eu *estava* sobretudo a elogiar-te.

— É bom que não te esqueças — disse Arthie, ignorando-o e virando-se para sair — de que uns segredos valem mais do que outros.

Matteo murmurou em aquiescência.

— Sabe-lo melhor do que ninguém, Arthie, a mulher que arrancou a pistola da pedra.

Arthie não se contraiu. Toda a gente em White Roaring sabia da Calibore, a pistola de retrocarga que ninguém a não ser ela foi capaz

de extrair da pedra. Não importava. Mais alguns segundos e teria saído com o dinheiro na mão e uma paz de espírito precária, mas Matteo ainda não tinha terminado.

— Arthie, a mulher que veio para Eténia num barco cheio de sangue. Arthie estacou e virou-se para trás.

Matteo já se tinha posto a pé e o raio da covinha voltou a aparecer. Mas não era por ele estar a regozijar-se. Não, os olhos de Matteo brilhavam com algo que a enervava, como se ele fosse capaz de compreender o que ela passara. Como se ele estivesse do lado dela.

Arthie não o podia aceitar. Recusava-se a fazê-lo. Deu alguns passos em frente. Aproximou-se o suficiente para incomodar Ivor e ouviu Jin a conter o mordomo com um ligeiro estalar de língua.

— Sempre me perguntei porque não ias ao Borrifo do Mar fora de horas — disse Arthie, a desviar a conversa dela própria. Arthie queria que ele soubesse que ela o tinha debaixo de olho há tempo suficiente para o conhecer. — Ambos sabemos que não és grande apreciador de chá.

Sim, Matteo Andoni era quase intocável, não fosse um segredo flagrante.

Jin sorveu o ar de súbito.

— Tu... tu és um vampiro.

Matteo não disse nada. Era jovem, demasiado jovem para que a sua obra se tivesse disseminado tão longínqua e amplamente sem a imortalidade a ajudá-lo.

— A maioria dos artistas só alcança o sucesso muito depois de ter apodrecido no túmulo. Mas aqui estás tu, com pouco mais de 20 anos e um nome consolidado. Imagine-se o que White Roaring iria pensar — disse Arthie num tom reflexivo — se soubesse que o seu tão adorado pintor nem sequer estava vivo. Seria terrível para o negócio, na verdade. Poderias até deixar de ter um lugar na sociedade.

— No entanto, não vais contar nada a vivalma — disse o vampiro em voz baixa, nem um pouco assustado.

— E porque não? — Mas era verdade. Arthie não vendia a mercadoria barato. Os segredos precisavam de fermentar; envelheciam bem. Quando mais tempo os mantivesse guardados, maior seria o seu valor.

— Porque não és capaz de resistir ao poder de uma ameaça. Eu, por outro lado — continuou ele, a chamar a atenção para os dedos, que estavam a fazer rodar uma seringa do Borrifo do Mar com sangue a cintilar —, só tenho de levantar a voz para falar sobre os teus negócios ilícitos e garanto-te que os guardas no cimo da rua não hesitarão em acorrer ao salão. É engraçada a rapidez com que se mexem quando queremos que fiquem parados.

Seria preciso mais do que uma seringa para a derrubar, mas se algo caracterizava Arthie era o cuidado.

— Jin — disse Arthie.

Jin suspirou, a reconhecer o tom.

— Como queiras, irmãzinha. — Num único movimento, atirou o guarda-chuva para a outra mão e sacou o revólver que ela o mandara, várias vezes, levar com ele.

Matteo arregalou os olhos. Arthie gostava dos homens com algum medo dela.

— Acho que podemos falar... — começou ele.

Jin premiu o gatilho.

O som do disparo explodiu na sala. Matteo deixou-se cair com um guincho de surpresa e Arthie abanou a cabeça para amainar o tinido nos ouvidos.

O vampiro começou a tremer. Arthie franziu o sobrolho até o ver cair de costas e ouvir as gargalhadas a chocalhar o vidro dos armários atrás dele. O sangue despontou da ferida, denso e mais escuro do que o carmim e escorreu-lhe pela pele pálida de marfim. Pele morta. Sangue morto.

— Eu gostava desta camisa.

O mordomo gritou de angústia.

— Oh, não te preocupes, meu caro — disse Matteo, a extrair cautelosamente a bala de bronze com dois dedos magros e uma careta. A pele em redor da ferida estava contundida em tons de morte. Arthie estava quase com pena dele, até que ele levantou a cabeça e lhe piscou o olho devagar e com vaidade. — Todas as boas histórias de amor começam com uma bala no coração.

Arthie não gostou da forma como aquelas palavras lhe deslizaram pelas veias. Pegou na seringa.

— Da próxima vez, vou certificar-me de que ficarás morto.

— Eu abomino a violência! — disse-lhe Matteo em voz alta para as costas.

Arthie lançou-se para a noite, com Jin ao lado. Sabia ainda antes de olhar para o cimo da rua que os homens fardados já não estariam lá, não por acreditar que Matteo Andoni tinha algum tipo de influência neles, mas por ter reconhecido os passos do seu jovem correio a bater na escuridão e a aproximar-se do número 337 da Alms Place.

Chester emergiu do nevoeiro, esbaforido e ofegante, e agarrou-se ao portão do lado da rua. A cabeça loira reluzia ao luar.

— Guarda Cornuda a caminho do Borrifo do Mar. Vai haver uma rusga.